

GÊNERO, SEXUALIDADE, MULHERES E SABERES NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA ENTRE OS ANOS DE 2014 E 2020

GABRIELA MARIA SANTOS SOARES

Graduanda de licenciatura plena em História pela Universidade de Pernambuco- UPE, gabimariass@hotmail.com.

JANAINA GUIMARÃES DA FONSECA E SILVA

Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, guimaraes.janaina@gmail.com.

RESUMO

Este artigo é o resultado de uma pesquisa que teve por objetivo encontrar e analisar os trabalhos acadêmicos, os quais em seu desenvolvimento apresentaram temas relacionados a Gênero, mulheres e sexualidade no ensino de história, durante os anos de 2014 até 2020. Para os conceitos destas categorias, para conceituar as categorias principais utilizamos como aporte teórico Judith Butler, Joan Scott, bell hooks, Alexandre Bortolini e Guacira Louro. Na pesquisa online, contabilizamos no total 67 trabalhos acadêmicos relacionados ao nosso tema de pesquisa. No entanto, analisamos apenas os escritos que apresentaram relatos de experiências em salas de aula que somatizam 39 trabalhos. Nesse contexto foi observado um destaque do Programa Institucional De Bolsas De Iniciação à Docência (PIBID), que no Estado de Pernambuco apresenta 23 produções aqui analisadas.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Educação.

1. INTRODUÇÃO

Temáticas como Gênero, Sexualidade e Mulheres são vistas com bastante ressalva no ensino de história, na educação básica e superior. Existe todo um projeto de silenciamento sobre o que deve ser ensinado ou não na escola, porém como muito bem coloca Michel Foucault, “lá onde há poder, há resistência”¹, assim compreendemos que todas as ações que levam tais temáticas para sala de aula são formas de resistência e explanar as diversas formas de existência. Dito isto, nossa pesquisa visou analisar como vem ocorrendo as produções acadêmicas no Brasil durante os anos de 2014 e 2020, especialmente os trabalhos que relatassem experiências em sala de aula. Assim, fizemos o levantamento de 67 produções acadêmicas (publicações em anais de eventos, artigos e dissertações). Do total, 39 traziam experiências em sala de aula, com destaque ao Programa Institucional De Bolsas De Iniciação À Docência.

Diante do exposto, vale ressaltar a importância do PIBID enquanto um projeto de formação continuada, visto que ocorre nos períodos iniciais da graduação da/o futura/o docente. Justamente por ser realizado nesses primeiros anos, o PIBID oferece a seus participantes uma formação diferenciada, no qual trata assuntos diferentes dos que são expostos no cotidiano educacional. Um exemplo disto é que, em Pernambuco, os dois projetos do PIBID de História vinculados à Universidade de Pernambuco tinham como temáticas centrais: Gênero, mulheres, diversidade e direito humanos. Tais assuntos não são disciplinas obrigatórias na universidade, sendo assim, o PIBID, de forma planejada, além de oferecer o primeiro contato com a sala de aula, também prepara a/o futura/o professora/a para compreender a escola de sujeitos múltiplos, como ela é.

Portanto, visto que nossas palavras chaves para a pesquisa foram Gênero, Mulheres e Sexualidade, para que não haja uma generalização, é importante pontuar os conceitos que utilizamos na análise, bem como o nosso ponto de vista. Como coloca bell hooks², por muito tempo apenas as vivências das mulheres brancas eram colocadas em pauta, o que causou uma universalização da categoria “mulher”. A pensadora Djamilia

1 FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p. 90.

2 hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

Ribeiro afirma o seguinte “A insistência em falar de mulheres como universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte desse ser mulher seja visto”³. Desse modo, indo em contramão da hegemonia para esta categoria, assim como faz o feminismo negro, quando nos referimos a Mulheres, compreendemos o seu conceito a partir da multiplicidade de experiências, na qual possa abranger todas as formas de vivências, sejam mulheres cis, trans, travesti, PCDs, de etnias, classes, territórios e sexualidades distintas, bem como suas intersecções.

2. GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

Quando se trata da categoria Sexualidade, vale ser colocado a distinção entre sexo biológico e orientação sexual, que comumente são vistas juntas por conta da cultura heteronormativa. De acordo Judith Butler⁴, vivemos em uma ordem compulsória do sexo/gênero/desejo. O primeiro citado é o sexo biológico e no terceiro a orientação sexual, assim, “uma matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente fornece a pauta para as transgressões”⁵. A escola também se torna um lugar que limita e impõe padrões para os corpos, assim, construir projetos, interversões, atualizar o ensino de história, para uma didática que compreenda tal diversidade se tornou urgente. Portanto, é de suma importância compreender os conceitos das categorias que estão em foco nesse artigo, bem como a necessidade de se trabalhar Gênero, mulheres e sexualidade no ensino básico e no ensino superior. Desse modo, a princípio, com as primeiras leituras bibliográficas, utilizamos o conceito de gênero posto pela cientista social Joan Scott, no qual gênero caracteriza-se enquanto “elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos [e] um primeiro modo de dar significado às relações de poder”⁶.

3 KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. p. 41.

4 BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. 18ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

5 LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer - Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 17.

6 SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. New York, Columbia University. 1990. p. 14.

Compreendemos que, de acordo com Joan Scott, o gênero se trata de construção social a partir de corpos sexuados e estabelece sentido às relações de poder, naturalizando diversos tipos de opressões. Com o avançar das leituras bibliográficas e não deixando de lado a importância de Joan Scott para a nossa produção, adicionamos o conceito de gênero e sexualidade da filósofa Judith Butler, no qual coloca que

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. (...) Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual* age a cultura.⁷

Portanto, para nossa pesquisa, Butler se tornou fundamental, para que haja o entendimento de gênero, sexo e desejo como construções culturais impostas dentro da matriz heterossexual. E como apresenta Guacira Louro, desde o momento em que se aponta o sexo biológico do feto, se inicia “uma espécie de “viagem”, ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir determinado rumo ou direção”⁸. Sendo assim, compreendemos o conceito de gênero como um ato performativamente construído⁹.

Dito isto, quando se trata de gênero e sexualidade, que vai além do ideal binário e da heterossexualidade compulsória, a escola que as pessoas são inseridas desde os primeiros anos de vida, reflete e produz a cultura, isto é, os valores, o modo de ser, os preconceitos, etc. Como Ana Maria Monteiro pontua, a escola constitui um verdadeiro mundo de expectativas, realidades e experiências distintas, que promovem o desenvolvimento de uma verdadeira “cultura escolar”¹⁰. Essa cultura é permeada pelos saberes dos sujeitos que a integram, compondo um

7 BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. 18ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. p. 27.

8 LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer - Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 15.

9 BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. 18ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

10 MONTEIRO, Ana Maria F.C. A história ensinada: algumas configurações do saber escolar. História & Ensino, Londrina, v. 9, p. 9-35, out. 2003.

quadro multifacetado de subjetividades e vivências, que se interligam e afetam o modo como esses indivíduos percebem a si próprios e aos demais. A escola, portanto, é um lugar onde habitam diversos sujeitos, porém como coloca Guacira Louro, “Ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências das normas, valores e ideias da cultura”.¹¹

Nesse caso, vale a pena pensar como nossas crianças e adolescentes estão sendo colocados no ambiente escolar. Seguindo o pensamento de Louro¹², a escola não precisa apenas modificar o currículo e introduzir tais assuntos, esse currículo precisa estar escrito para ser executado. Para que os sujeitos, antes excluídos no dia a dia ou no livro didático, parem de ser invisibilizados, pois estamos na frente da sala, sendo professoras/es, alunas/os/es, funcionárias/os/es, todo e qualquer corpo.

Os debates e polêmicas envolvendo a abordagem das relações de gênero na educação têm se destacado no contexto nacional desde 2014, data do último Plano Nacional da área. Na formulação do Plano Nacional de Educação (PNE) 2014/2024, houveram vários discursos advindos de grupos fundamentalistas cristãos, cujo objetivo era excluir qualquer que fosse a menção ao tema de gênero e sexualidade das leis educacionais.¹³ As disputas políticas e morais em torno do tema têm ofuscado uma realidade: a escola é habitada por corpos e sujeitos diversos que têm sim, gêneros, sexualidades e subjetividades que fazem parte da sociedade e que, na escola, não podem ser negligenciados, tão pouco silenciados. Assim, acreditamos que a escola deve ser vista como uma arena cultural, um lugar de confrontos e diálogos, pois é formada por sujeitos distintos com grande diversidade de significações de mundo, como também de sexualidade e gênero¹⁴. No entanto, nossa realidade é outra, como coloca bell hooks,

11 LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer - Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 75.

12 Idem

13 ROSENO, Camila dos Passos; SILVA, Janaina Guimarães da Fonseca. Políticas públicas educacionais em gênero e diversidade sexual: Atos de resistência diante do avanço do conservadorismo do movimento “Escola Sem Partido”. Revista eletrônica da graduação/pós-graduação em educação, Volume, 13, n. 2, Ano 2017.

14 BORTOLINI, Alexandre. Diversidade sexual e de gênero na escola. Revista Espaço Acadêmico, nº123, ano XI-Dossiê: Homofobia, sexualidade e direito, p. 27-37, ago. 2011.

A falta de disposição de abordar o ensino a partir, de um ponto de vista que incluía uma consciência de raça, do sexo e da classe social tem muitas vezes, no medo de que a sala de aula se torne incontrolável, que as emoções e as paixões não sejam mais represadas.¹⁵

Vale ressaltar que todas as categorias que tratamos aqui estão entrelaçados com as relações de poder, não por acaso as histórias de mulheres são minoria no livro didático. A matriz da branquitude e do machismo, tem medo da voz daquelas/es que foram marginalizadas/os por eles na história e logo na sociedade. Buscam então negar o passado, negar a violência que corpos travestis, trans, negras, pobres e *queer* passam em seu cotidiano. O objetivo é promover os apagamentos e guardar os segredos, a mídia faz parte disto e as escola também. O ensino superior também não fica de fora, com bem escrever Grada Kilomba “Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo”¹⁶.

O que nos propomos ao longo do último ano foi observar a produção na área de ensino de História sobre Gênero, sexualidade e Mulheres, a partir de uma perspectiva interseccional, buscando analisar como estes trabalhos têm sido feitos na área de História. Desse modo, vale ressaltar a ausência nos cursos de licenciaturas, disciplinas obrigatórias específicas sobre gênero na maioria dos currículos de cursos de história de nosso país. Portanto, essa pesquisa busca também compreender como está o desenvolvimento acadêmico em tais áreas, mesmo com tantos obstáculos. Pretendemos, pois, apresentar a análise dos trabalhos acadêmicos, sejam eles, publicações em anais, artigos e dissertações produzidos na área de ensino de História, entre os anos 2014 e 2020 no Brasil que tenham como tema os conceitos de gênero, sexualidade e Mulheres.

3. GÊNERO, MULHERES E SEXUALIDADE NA PRODUÇÃO ACADÊMICA NA ÁREA DE HISTÓRIA

Para esta pesquisa, utilizamos o método qualitativo, desse modo, busca-se compreender as condições que as experiências em sala de aula que apresentem sobre gênero, mulheres e sexualidade, relatadas nos

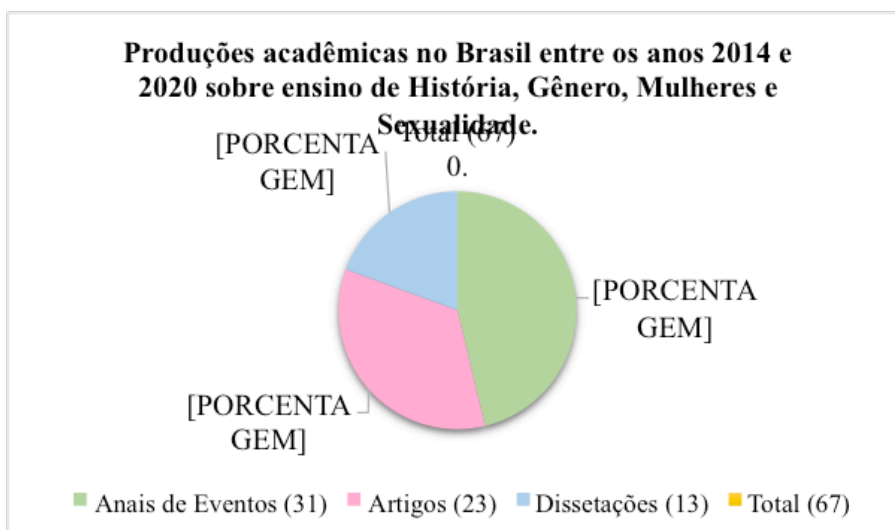
15 hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. p. 55.

16 KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

trabalhos acadêmicos tem sido executada. Portanto, primeiro foi feita uma leitura bibliográfica para compor o referencial teórico, logo após, aplicamos a pesquisa online, utilizando as palavras chaves: “gênero”, “mulheres”, “sexualidade” e “ensino de história”. Com esta pesquisa foi possível, montar um quadro com sessenta e sete produções no Brasil, que tratassem destas temáticas citadas acima. No entanto, para este artigo em questão analisamos trinta e nove trabalhos, pois traziam consigo relatos de experiência em sala de aula, elencando seus principais pontos.

Somente no Estado de Pernambuco encontram-se 23 produções oriundas dos subprojetos de História do Programa de Bolsa Institucional à Docência (PIBID), que foram executados nos municípios de Petrolina e Nazaré da Mata pela Universidade de Pernambuco. Este resultado em Pernambuco não é em vão, quando aumentamos a nossa análise para âmbito nacional, constatamos como o PIBID se fez presente para o desenvolvimento das temáticas. Com o total de 67 trabalhos, divididos em anais de eventos, artigos e dissertações, abaixo podemos observar um gráfico com o quantitativo acerca das produções desenvolvidas no Brasil.

Figura 1



As trinta e nove produções que relatavam experiências em sala de aula, são a maioria em relação ao número recolhido na pesquisa. O que observamos e deve ser ressaltado, é a impossibilidade de tratar destas temáticas no ensino de História e não entrar em conflito, seja com o próprio alunado, com a diretoria da escola, ou até mesmo com os pais.

Bem como aponta Janaina Silva e Camila Roseno, que ao analisar a invisibilidade proposital para ensino sobre as relações de gênero dentro do projeto interdisciplinar do PIBID, buscam todo o respaldo legislativo e se deparam com um projeto de silenciamento.

Entendemos a existência das desigualdades, mas também que é papel da escola desenvolver práticas diferenciadas e inclusivas que permitam a diminuição das diferenças em seu seio. A expansão da escolarização nos anos 90 e no início do novo milênio trouxe também esperanças quanto ao caráter emancipatório da educação. Uma nova escola precisa ser pensada para a inclusão dessas/es novas/os estudantes. O caráter conservador da educação, até então vigente, não contempla esse público diverso que agora acessa a escola, contribuindo para a manutenção de privilégios historicamente construídos.¹⁷

Assim como pontuam as autoras, defendemos que a escola como um todo precisa está preparada para a problematização destas temáticas. Volto a Louro, quando afirma que não é apenas incluir no currículo estes assuntos, é saber que vamos ensinar para essas/es sujeitos. Mesmo com todas essas dificuldades, o caráter interdisciplinar no PIBID em Petrolina, será recorrente em todos os trabalhos lidos e pode visto nos relatos dos discentes que participaram do programa. Foram desenvolvidos trabalhos relacionando mulheres e gênero à mitologia, à literatura, à etnomatemática e ao sertão.

Já em Mato Grosso do Sul, Jaqueline Zarbato¹⁸, se propôs a investigar o currículo escolar em conjunto com o PIBID, que estava sendo desenvolvido pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no *campus* de Três Lagoas. Nesta produção, foi ressaltado a necessidade de trabalhar, no ensino de história, a interculturalidade, as relações de gênero e a cultura

17 ROSENO, Camila dos Passos; SILVA, Janaina Guimarães da Fonseca. Políticas públicas educacionais em gênero e diversidade sexual: Atos de resistência diante do avanço do conservadorismo do movimento “Escola Sem Partido”. Revista eletrônica da graduação/pós-graduação em educação, Volume, 13, n. 2, Ano 2017. p. 765- 766.

18 ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. A formação inicial em História: as abordagens, trajetórias e experiências do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) e as interfaces com o currículo escolar Revista de Historia, N° 16, Noviembre 2015, pp. 148-173. Departamento de Historia, Facultad de Humanidades, Universidad Nacional del Comahue. ISSN: 0327-4233. Disponível em: < <http://revele.uncoma.edu.ar/htdoc/revele/index.php/historia/article/view/1069>> Acesso em: 15 de jan. de 2021

afro-brasileira. Pontua a grande relevância do PIBID quando se trata de um programa de formação de anos iniciais, visto que proporciona os primeiros contatos com a sala de aula de forma planejada e supervisionada. A autora afirma que constatou a dificuldade na formação das/os professores, como já dito, não há disciplinas obrigatórias na maioria dos cursos de licenciatura sobre relações de gênero e sexualidade. Ao analisar todo este conjunto, as PCN's, os currículos, e a legislação nacional e estadual, Zarbato afirma que,

Em suma, os discursos presentes nas diretrizes curriculares, que apontam políticas e práticas para a formação de professores/as, ainda permanecem presos a um modelo da disciplina escolar. Em que esta deve cumprir determinados elementos teórico-metodológicos, em suas concepções de disciplina, currículo disciplinar e produção do conhecimento histórico.¹⁹

Portanto, percebe-se como as tentativas de cercamento e de silenciamento vêm acontecendo em nossos currículos, mesmo assim, Zarbato coloca os “contornos” feitos para a realização do projeto. Em Santa Catarina, no ano de 2016, Caroline Jaques Cubas e Luciana Rossato²⁰, publicam um artigo, com o seguinte nome “Imperativos de um tempo presente: Ensino de História e Gênero em um projeto desenvolvido por Bolsistas do PIBID”, no qual apresentam como objetivo do trabalho compreender as possibilidades e dificuldades de discutir a categoria gênero na Educação básica, especificamente nas aulas de história. Para tanto, as autoras observaram o desenvolvimento do PIBID em turmas de 9º ano do ensino fundamental II e fizeram análise das atividades realizadas pelas/os bolsistas, dos seus relatos e a reflexão sobre o conteúdo dado. Observando, também, a receptividade e resistências do alunado ao tratar sobre as relações de gênero.

As autoras iniciam a discussão no artigo sobre como no Brasil, o campo de gênero e sexualidade embarca muitos conflitos, fazendo referência ao movimento “escola sem partido”. Esse movimento será citado em vários trabalhos analisados, pois tem entre seus objetivos controlar

19 Idem. p. 169.

20 CUBAS, Caroline Jaques; ROSSATO, Luciana. Imperativos de um Tempo Presente: Ensino de História e Gênero em um Projeto desenvolvido por bolsistas do PIBID. Revista História Hoje, v. 5, nº 10, p. 211-230- 2016. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/308>> Acesso em: 20 de nov. de 2020

as/os professoras/es sobre os conteúdos dados, ainda mais no que se refere a problemas sociais, como as relações de gênero, a sexualidade e a LGBTfobia. No texto, é explicado todo o processo de construção do projeto do PIBID em História, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, suas propostas e funcionamento. Enfatizando que “nem sempre estudantes e supervisores sentiam-se confortáveis na abordagem de questões relacionadas a gênero e diversidade sexual”²¹. Uma das propostas feitas pelas/os bolsistas foi analisar os livros didático do alunado, sobre quais eram as referências às histórias das mulheres e suas representações, os conteúdos didáticos trabalhados neste projeto em questão diziam respeito a Era Vargas e o Egito Antigo. Sobre este último, temos o seguinte relato:

A referência às mulheres, quando muito, limita-se à imagem de uma Cleópatra bela, sedutora e sagaz. De acordo com os acadêmicos bolsistas, um dos objetivos principais da atividade foi a tentativa de romper com a narrativa oficial de uma história masculina, na qual as mulheres ocupariam um capítulo à parte e sua presença seria não mais que um mero adereço ou uma informação complementar.²²

As colocações postas por Cubas e Rossato são de grande valia para o nosso campo de estudo, visto que, os livros didáticos apresentam uma história androcêntrica, onde os homens são os responsáveis pelos grandes feitos e as mulheres quando citadas, soam como relatos extraordinários, pois suas realizações são vistas como algo fora da curva, incomum. Relatos de experiências assim não foram poucos em nossa pesquisa, no PIBID em Pernambuco, especificamente no subprojeto de História do *campus* Mata Norte, discentes fizeram o exercício também de observar os livros didáticos com o objetivo de compreender as representações femininas na História, para montar uma oficina que unisse o conteúdo do livro didático com a história das mulheres, abaixo temos uma conclusão da análise,

Através da análise constatamos que nessa unidade inicia-se retratando o pioneirismo inglês, ressaltando o poderio

21 CUBAS, Caróline Jaques; ROSSATO, Luciana. Imperativos de um Tempo Presente: Ensino de História e Gênero em um Projeto desenvolvido por bolsistas do PIBID. Revista História Hoje, v. 5, nº 10, p. 211-230- 2016. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/308>> Acesso em: 20 de nov. de 2020. p. 216.

22 Idem. p. 218.

da Inglaterra, desde as primeiras partes do livro, é aqui a primeira vez que se vê o nome de uma mulher, a rainha Elizabeth I (1558- 1603), expõe em letras pequenas em uma linha do tempo que a mesma promoveu o crescimento agrícola e manufatureiro, expandiu a indústria naval e ampliou a atuação no comércio exterior. Porém vale salientar que a rainha Elizabeth I (1558- 1603) não é a protagonista do tema. É mostrada então uma imagem de mulheres trabalhando na manufatura de linho, e outra de mulheres trabalhando em uma indústria de tecidos de algodão, entretanto no corpo do texto não se explica as imagens, nem como era a situação dessas mulheres. Passa então a abordar o cotidiano do mundo industrializado, a mudança que a indústria causou na sociedade, a literatura da época, a luta operária e a organização sindical, e do trabalho infantil, novamente não há menção às mulheres.²³

Os dois projetos do PIBID citados acima ocorreram em anos e Estados diferentes, são relatos assim que pontuam ainda mais a urgência da mudança do currículo e do livro didático. Outro fato importante é que não basta incluir apenas a temática “mulheres”, como uma categoria genérica, o seu conceito não deve ser empreendido a partir de uma perspectiva universal. E está é uma das críticas do feminismo negro, na qual desde a primeira onda do movimento feminista, já havia mulheres como Sojourner Truth, que questionava a luta pelos direitos das mulheres no EUA. Em seu discurso “E eu não sou uma mulher?” no ano de 1843, indaga o fato que aquele feminismo não a representava, visto que era construído por mulheres brancas que não reconheciam as mulheres negras enquanto iguais²⁴.

Na segunda onda autoras negras passam a ganhar legitimidade dentro do movimento feminista. Como bell hooks, inspirada por Truth, escreve o livro *Não sou eu uma mulher: Mulheres negras e feminismo*, que nos apresenta o seguinte relato ao se envolver no movimento de feminista “fiquei incomodada pela insistência das mulheres brancas liberacionistas

23 SOARES et al. Gênero e educação: experiência no PIBID História do campus Mata Norte da Universidade de Pernambuco. Anais do I Seminário PIBID e Residência Pedagógica, 2019, Publicado em 17/12/2019 - ISSN 2358-9434, Edição: 5, Recife. Disponível em: < <https://doity.com.br/seminidrp19/blog/> > Acesso em: 10 de jan. de 2020. p. 7.

24 KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

que a raça e o sexo eram duas questões separadas.”²⁵ Portanto, uma ferramenta importante é a interseccionalidade, que se torna essencial ao trabalhar gênero, mulheres e sexualidade, pois vivemos em uma rede de opressões e violência e a História precisa falar disso. De acordo com Carla Akotirene,

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado –produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais.²⁶

Há algum tempo, temos uma gama de obras escritas por mulheres negras, que apresentam suas perspectivas científicas sobre racismo, sexismo e os vários outros tipos de violências cotidianas. E mesmo que algumas vezes tais produções sejam vistas por mal olhos pelas/os colegas acadêmicas/os, como pontua Grada Kilomba, aquilo que se encaixa dentro do padrão heteronormativo/cis/branco é lido com universal, objetivo, racional, imparcial, já os trabalhos que fogem desta norma, é visto como específico demais, emocional, parcial e subjetivo²⁷. Atualmente, há uma consolidação do feminismo negro que é um movimento de suma importância para nossa sociedade, visto que somos estruturados em redes de poder e que elas se entrecruzam, nas palavras de Carla Akotirene “É da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade”, e disso não podemos esquecer.

Cubas e Rossato, ao analisarem as oficinas sobre Era Vargas, observa-se um relato bastante interessante, “os bolsistas ressaltaram um interesse peculiar, por parte dos alunos e alunas, pelas questões sociais, ao perceberem a ausência de referências às mulheres negras e indígenas nas peças publicitárias apresentadas”²⁸. Ou seja, já se percebe a mudança

25 hooks, bell. Não sou eu uma mulher: Mulheres negras e feminismo. Tradução livre para a Plataforma Gueto. 1ª ed. 1981. p. 12.

26 AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. - São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. p. 14.

27 KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

28 CUBAS, Caroline Jaques; ROSSATO, Luciana. Imperativos de um Tempo Presente: Ensino de História e Gênero em um Projeto desenvolvido por bolsistas do PIBID. Revista História Hoje, v. 5, nº 10, p. 211-230- 2016. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/308>> Acesso em: 20 de nov. de 2020. p. 222.

no olhar das/dos futuras/os professoras/os, pois somos sujeitos diversos e nossas histórias precisam ser escritas e contadas. No Brasil, com a reabertura política na década 80, as produções acadêmicas refletem essa necessidade, já que a história é, em sua maioria, escrita a partir da visão eurocêntrica. É nesse período que a história “vista de baixo”, dos “vencidos” e dos marginalizados ganha mais visibilidade, assim como houve o aumento do acesso de pessoas negras, indígenas e de classe baixa ao ensino superior.

Como resultado desses movimentos e outros, temos no Brasil a Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da história da África e cultura afro-brasileira em todas as escolas do país, e depois a Lei 11.645/08 que acrescenta o ensino acerca da História Indígena. Junto a isto, nós temos a possibilidade de construir uma história crítica, que fale dos apagamentos epistemológicos e historicídios cometidos no campo da História, com o auxílio de psicólogos/os, filósofas/os, letrólogas/os, antropólogas/os. Fazer isto é buscar construir novas possibilidades de leitura de mundo, sem silenciamentos, uma História inclusiva, na qual os sujeitos se identifiquem como parte do processo histórico e não mais como marginalizados. Nas produções pesquisadas assistimos essas diversas tentativas, e mesmo com as dificuldades elencadas, que eram bem comuns, as realizações dos projetos foram possíveis e gerou ricos resultados. Tais produções são de grande importância para o conhecimento nacional, pois contribuem para a criação de uma educação mais coerente que corresponda com a interculturalidade crítica e diversidade sexual e de gênero dos sujeitos que fazem e recebem educação no Brasil.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecemos a impossibilidade de se analisar em apenas um artigo todas as produções encontradas, do mesmo modo que sabemos que nem todas estão disponíveis de forma online. No entanto, com esta pesquisa constata-se o grande esforço das acadêmicas/os para levar as relações de gênero, sexualidade e mulheres, no ensino de história para a sala de aula. Esses feitos são resultados de muita luta para que haja a mudança do sistema educacional que de fato compreenda a diversidade da existência humana. Voltamos ao início do texto em que citamos Foucault²⁹ e que

29 FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

de acordo com ele os meios de resistências não estão fora das redes de poder, a luta acontece de dentro e ela está acontecendo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. - São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BORTOLINI, Alexandre. **Diversidade sexual e de gênero na escola**. Revista Espaço Acadêmico, nº123, ano XI-Dossiê: Homofobia, sexualidade e direito, p. 27-37, ago. 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 18ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CUBAS, Caroline Jaques; ROSSATO, Luciana. **Imperativos de um Tempo Presente: Ensino de História e Gênero em um Projeto desenvolvido por bolsistas do PIBID**. Revista História Hoje, v. 5, nº 10, p. 211-230- 2016. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/308>> Acesso em: 20 de nov. de 2020

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Não sou eu uma mulher: Mulheres negras e feminismo**. Tradução livre para a Plataforma Gueto. 1ª ed. 1981

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer** - Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MONTEIRO, Ana Maria F.C. **A história ensinada: algumas configurações do saber escolar**. História & Ensino, Londrina, v. 9, p. 9-35, out. 2003.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala.** – São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ROSENO, Camila dos Passos; SILVA, Janaina Guimarães da Fonseca. **Políticas públicas educacionais em gênero e diversidade sexual: Atos de resistência diante do avanço do conservadorismo do movimento “Escola Sem Partido”.** Revista eletrônica da graduação/pós-graduação em educação, Volume, 13, n. 2, Ano 2017.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** New York, Columbia University. 1990

SILVA, Janaina Guimarães da Fonseca. **Discutindo gênero em sala de aula: experiências no PIBID interdisciplinar de Petrolina.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11& 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499439679_ARQUIVO_Modelo_janaina.pdf> Acesso em: 29 de abr. de 2020

SILVA, Janaina Guimarães da Fonseca. **Relações de gênero em sala de aula: compartilhando experiências do PIBID interdisciplinar de Petrolina.** Momento: diálogos em educação, E-ISSN 2316-3100, v. 28, n. 3, p. 303-315, set./dez, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/momento/article/view/7049>> Acesso em: 29 de abr. de 2020

SOARES *et al.* **Gênero e educação: experiência no PIBID História do campus Mata Norte da Universidade de Pernambuco.** Anais do I Seminário PIBID e Residência Pedagógica, 2019, Publicado em 17/12/2019 - ISSN 2358-9434, Edição: 5, Recife. Disponível em: <<https://doity.com.br/seminidrp19/blog/>> Acesso em: 10 de jan. de 2020

ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. **A formação inicial em História: as abordagens, trajetórias e experiências do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) e as interfaces com o currículo escolar** Revista de Historia, N° 16, Noviembre 2015, pp. 148-173. Departamento de Historia, Facultad de Humanidades, Universidad Nacional del Comahue. ISSN: 0327-4233. Disponível em: <<http://revele.uncoma.edu.ar/htdoc/revele/index.php/historia/article/view/1069>> Acesso em: 15 de jan. de 2021